

Me dá o tom: o cantar na língua *fon*

Andrea Albuquerque Adour da Camara
andreaadour@musica.ufrj.br

Filipe de Matos Rocha
filipiano@hotmail.com

Resumo: A língua *fon* é uma língua tonal falada por 2 milhões de habitantes no Benin. Muitas canções brasileiras utilizam léxico proveniente desta língua. Tal presença é resultante da vinda de africanos provenientes da região do atual Benim trazidos em regime de escravidão. No Brasil *fon* é uma língua viva que permanece sobretudo no contexto das práticas rituais. Este trabalho descreve a construção de uma metodologia que vise a análise de falantes nativos da língua *fon* e o mecanismo pelo qual a “tonalidade” é transplantada da forma falada para a cantada.

Palavras-chave: África – língua tonal – *fon* – música - música brasileira

“Oficina me dá o tom”

Este trabalho é um relato parcial de uma das pesquisas desenvolvidas pelo projeto *Africanias na música vocal brasileira e a relação Brasil-África*, da linha de *História e Documentação da Música Brasileira e Íbero-Americana* do Programa de Pós-graduação em Música da UFRJ. Dentre os trabalhos realizados pelos pesquisadores (docentes da UFRJ, UFJF, UFMG e discentes da pós-graduação e graduação) está o desenvolvimento de um vocabulário de palavras africanas e de africanias na música vocal brasileira, bem como a apresentação de todo o material coletado através de concertos e recitais. Tal projeto contribui para o levantamento de material e também para o reconhecimento da presença Africana no Brasil, atendendo a lei 10.639/03. No ano de 2003, a Presidência da República aprovou a lei federal 10.639/03, alterando a lei 9.394/96 de diretrizes e bases para a educação nacional, instituindo no currículo a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

Dentre as famílias de línguas africanas que vieram para o Brasil, podemos destacar as línguas do grupo *Banto* e as línguas do *Oeste Africano*, famílias linguísticas próximas, uma vez que todas pertencem ao tronco *Nígero-Congolês*. Dentre as línguas Banto, é marcante a presença das línguas *umbundo*, *kimbundo* e *kikongo*. Todas elas línguas tonais. Dentre as do *Oeste Africano*, destacamos a presença do *yorubá* e do *fon*, também chamadas de sudanesas.

A música vocal brasileira utiliza muitos léxicos ou africanismos advindos destas línguas e de seu legado. Temos farto exemplo em todos os gêneros vocais no Brasil, desde as cantigas de tradição oral até, óperas e peças de concerto.

Na Fig. 1, a língua *fon* é representada pela nomenclatura *J, mina-jeje*, uma vez que esta é a maneira pela qual as línguas do grupo *kwa* são identificadas no Brasil, entre elas o *fon* (PETTER, 2006: 70).

A língua *fon* é falada sobretudo no atual Benin por quase 2 milhões de falantes e é considerada uma língua tonal (tom alto e tom baixo). Língua tonal é todo aquele idioma em que a entonação faz parte da sua estrutura semântica, isto é, uma mesma palavra pode assumir diferentes significados, dependendo do tom de suas sílabas.

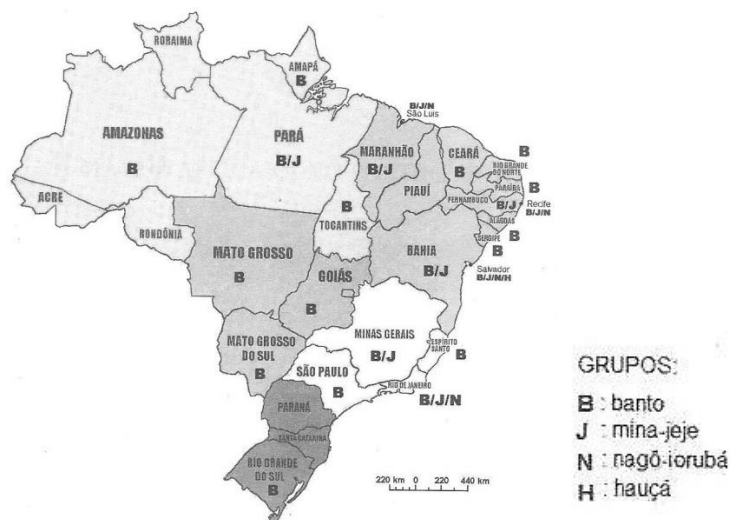


Fig. 1– Mapa da presença africana no Brasil. Fonte: CASTRO. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, p. 47.

Este trabalho foi iniciado na pesquisa desenvolvida por Camara que em sua tese de doutorado apresentou como anexo um ensaio sobre a questão da afinação nas línguas tonais.

Quando pensamos o termo *afinar* em música, distanciamo-nos, contudo, do sentido proposto por sua origem latina, que aponta para ‘afinidade’, ‘proximidade’. Percebo que o uso do termo nas academias de música, sugere o entendimento de *afinação* como ‘precisão’. Ou seja, a pessoa afinada é aquela que canta precisamente as notas da canção. *Entoar* diz, através do latim, ‘emitir sons ou ruídos’ (*tonare*). O dicionário *Grove* de música apresenta o termo *afinar* como ‘ajustar a afinação’ e *entoar* como a precisão da afinação das notas nas alturas relativas (CAMARA, 2013: 129)

Tal questão surgiu a partir da seguinte premissa: se nas línguas tonais a altura é fundamental, logo é imprescindível, aos falantes, a afinação. Sendo assim, investigou todo o Dicionário de Kimbundo Português de Assis Junior (*kimbundo* é língua tonal, que hoje em dia vem perdendo tal característica), em suas 385 páginas se algum dos vocábulos possuía a acepção de afinação enquanto precisão de altura como compreendemos na música e como está registrado no verbete do Dicionário Grove. Como a autora havia suposto, não há entre os vocábulos a acepção de afinação enquanto precisão de altura. Sendo assim, a diferença entre o tom alto e o baixo na língua seria mais preciso e menos relativas do que o imaginado. Em 2015 a professora Sônia Queiroz propôs a elaboração da Oficina Me dá o Tom, visando investigar a transposição da tonalidade da fala para a forma contada (narrada) e cantada durante o I Seminário de Estudos Literários da UFMG. A oficina contou com falantes das línguas *fon*, *yorubá*, *wolof* e *tchiluba* e de pesquisadores colaboradores. Foram realizadas gravações com os informantes que conversaram, contaram histórias e cantaram. Foi a partir desta observação inicial que iniciamos a construção da metodologia de investigação de que trata este trabalho. A língua *fon* foi a escolhida para o trabalho, porque o informante era, falava *fon* como língua materna e o *yorubá* como segunda língua. *Wolof* não é uma língua tonal, e descartamos, por essa razão. *Tchiluba* é uma língua tonal, entretanto do Banto. Decidimos iniciar a investigação com o *fon* e aproveitar o fato de que o informante falava duas línguas tonais diferentes.

Revisando o Tom...

As pesquisas que relacionam a fala nas línguas tonais e a sua transposição ou transplantação para a música ainda são inconclusivas.

Em 1988, Agawu (AGAWU, 1988: 127-146) desafiou estudantes a fazer uma ampla hipótese de que o contorno melódico deveria coincidir o máximo possível com o delineamento da fala na música setentrional *Ewe* (Nigéria). Entretanto ele considerou que as canções escritas em *Ewe* não continham consideráveis tons-melódicos coincidentes e que nem sempre era necessária que a melodia se conformasse às características fonológicas das palavras

No mesmo ano, Beinvenu Koudjo (KOUJJO, 1988: 73-97) disse que até aquele momento as evidências apontavam que havia a necessidade da melodia de respeitar as linhas da curva tonal da língua falada, mas que muitas vezes a música impunha modificações melódicas sensíveis aos tons iniciais musicais trazem às vezes modificações melódicas sensíveis aos tons iniciais. Koudjo afirmou que pesquisas sobre a influência da música nas línguas tonais e vice-versa eram aproximativas, e lamentou não haver suficiente colaboração entre pesquisadores de diferentes áreas e disciplinas para o desenvolvimento de uma pesquisa significativa entre a relação entre as línguas tonais e a música.

Em 2009, Schellemborg (SCHELLEMBERG, 2009) comparou canções infantis em língua *shona* (do grupo Banto, no Zimbábue) nas formas cantada e falada através da utilização de programas de avaliação de contorno melódico e concluiu que o contorno coincidia na maior parte das vezes em número significativo.

Por outro lado, o *Word Atlas of Languages Structures* online, diz que o tom é um termo usado para descrever os padrões de altura que distinguem as palavras e que cada sílaba numa língua tonal terá um padrão tonal característico de altura e que quando a altura tem um movimento (de chegada ou de saída), que o tom é descrito como contorno tonal.

Tom: construindo contornos...

A partir daí, decidimos abordar a temática tentando observar o comportamento destas línguas nas formas falada, cantada e cantada, comparando-as. Levantamos a hipótese de que para além da altura, também a intensidade, a duração e a acentuação são elementos necessários para a análise das línguas tonais e que, por nossa observação, o contorno presente na fala possivelmente seria transposto para a melodia como demonstrou Schellemborg.

A metodologia de base qualitativa utilizada foi a pesquisa-ação, onde os pesquisadores e informantes foram coadjuvantes na construção tanto da metodologia quanto da escolha dos temas, palavras, contos e cantos que foram gravados.

A oficina foi realizada em dois dias, durante uma hora. No primeiro dia de investigação o grupo formado por pesquisadores (antropólogo, linguista, músicos, professores) e por informantes da língua *fon* apenas conversaram, contaram histórias e cantaram, compartilhando suas ideias, raízes e cultura. Algumas gravações foram realizadas o que possibilitou que no segundo dia apresentássemos ao grupo a nossa metodologia. Iríamos utilizar o programa PRAAT para gravar a mesma frase nas três formas, para que pudéssemos comparar o contorno e compreender visualmente o comportamento da emissão das diferentes modalidades: fala, conto e canto. O PRAAT é um software gratuito que possibilita a visualização do espectro, da altura e da intensidade voz, permitindo analisa-la a partir de uma gravação. O grupo concordou

em realizar algumas gravações e foi escolhida a expressão *O Soh ue* (transliteração nossa, uma vez que estas línguas não são escritas, são orais) que significa o cavalo é branco. A palavra *Soh* dependendo do tom (tom alto) significa cavalo, no médio (amanhã) e no baixo (ontem). Sendo assim, a decidimos que a grafia da palavra seria *Sóh* (cavalo), *Soh* (amanhã) e *Sòh* (ontem).

Fizemos muitas gravações a partir daí, solicitamos que o informante criasse falasse a frase, e depois criasse uma poesia com ela, e finalmente, uma composição musical. Todo o experimento foi gravado e introduzido no *PRAAT* para análise. Além disso colhemos os depoimentos dos participantes sobre suas impressões com relação ao experimento.

Foi realizado também um mapa de observação do informante que reproduzimos abaixo:

Mapa de observação

Masculino País: Benin

Línguas: Fon, Yorubá, Português e Francês

Língua materna: Fon

Sobre a Fala

- frequência aproximada nas diferentes línguas – a palavra alterou em frequência atingindo as seguintes alturas: *Sóh* (D2), *Soh* (A1) e *Sòh* (A1)

- gesto facial nas diferentes línguas (*Só* – músculos faciais mais contraídos, preparando-se para falar. *So* e *sò* – músculos relaxados e diferença imperceptível.

- Informante fala baixinho normalmente, em parâmetro laríngeo no português. quando ele fala fon, o padrão modifica e encaminha-se mais para máscara. Entretanto quando ele grava as palavras soltas ele projeta mais ainda a voz.

- O padrão de emissão vocal entre fala e conto muda pouco e para o canto, apresenta mais intensidade e talvez um ligeiro aumento de pith.

A partir dessas observações, construímos a segunda parte deste trabalho que está em fase de finalização: na próxima etapa serão trabalhadas a improvisação musical a partir de uma sentence selecionada e, ainda, a elaboração de uma jogo composicional onde o informante poderá escolher em qual altura a sentence melhor se encaixa. Para isso, será realizada uma composição fechada com um trecho aberto incidindo sobre a palavra tonal cuja melodia poderá ser escolhida pelo informante.

Resultados parciais

Dentre as diversas observações e resultados que colhemos desta primeira parte do projeto, destacamos:

1. As observações realizadas pelos pesquisadores com relação às línguas tonais foram sempre de surpresa e de espanto, com tamanha variedade melódica presente na forma falada.
2. A transição da fala para o conto e do conto para o canto é, talvez por esta proximidade, bastante sutil e muitas vezes tivemos dificuldade de identificar se o informante estava falando, contando ou cantando.

3. Inicialmente to grupo não conseguia entender a diferença entre as três palavras, mas depois de visualizada no PRAAT todos conseguiram falar e identificar as diferenças.

Referências

AGAWU, V. K. (1988). Tone and Tune: The Evidence for Northern Ewe Music. *Africa: Journal of the International African Institute*, Vol. 58, No. 2 (1988), pp. 127-146.

ASSIS Jr., A. de. Dicionário Kimbundu-Português. Luanda: Ed. Argente, Santos & C.a. Ltda., s/d. 384 p.

CAMARA, A. A. A. Vissungo: o cantar Banto nas Américas. Belo Horizonte, 2013. Tese de doutorado em Educação, UFMG.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2005.

DRYER, Matthew S. & HASPELMATH, Martin. The World Atlas of Language Structures Online. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (<http://wals.info>, acesso em 02/02/2015)

GROVE. The New Grove Dictionaire of Music and Musicians. Massachussets: Macmillan Publishers Ltda, 2001.

KOUDJO, B. Parole et musique chez les Fon et les Gun du Bénin : pour une nouvelle taxinomie de la parole littéraire. *Journal des Africanistes*. Volume 58 N. 2, pp. 73-97. 1988.

PETTER, Margarida. Línguas Africanas no Brasil. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 27-28: 63-89, 2006/2007

SCHELLEMBERG, M. Singing in a tonal language shona - Cascadilla Proceedings Project Somerville, MA 2009